

# **CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS – CEA**

## **Duas Utopias\***

Richard Rorty\*

Profecias falhas muitas vezes ensejam leituras inestimavelmente inspiradoras. Tome dois exemplos: o Novo Testamento e o “Manifesto Comunista”. Ambos foram pensados por seus autores como previsões do que iria acontecer – previsões baseadas no conhecimento supremo das forças que determinam a história humana. Ambos os conjuntos de previsões foram, até agora, um fiasco risível. Ambas as pretensões de conhecimento tornaram-se objetos do ridículo. Cristo não voltou. Aqueles que sustentam que seu retorno é iminente e que seria prudente tornar-se membro de uma seita particular, a fim de preparar-se para esse evento, são corretamente vistos com suspeita. Ninguém pode provar, é claro, que o segundo advento não ocorrerá – o que forneceria evidência empírica da encarnação. Mas estamos à espera há um bom tempo.

Analogamente, ninguém poderá provar que Marx e Engels estavam errados ao afirmarem que “*a burguesia forjou as armas que lhe trazem a morte*”. É possível que a globalização do mercado de trabalho reverta a progressiva burguesificação do proletariado europeu e norte-americano e que se torne verdade que “*a burguesia é incapaz de seguir reinando, pois é incapaz de assegurar uma existência aos escravos no interior da própria escravidão*”. Talvez ocorra, então, o colapso do capitalismo e a tomada do poder político por um proletariado virtuoso e esclarecido. Talvez, em resumo, Marx e Engels tenham errado por um ou dois séculos. Contudo, o capitalismo superou muitas crises no passado e aguardamos há um bom tempo por esse proletariado. Mais uma vez, nenhum zombeteiro poderá dizer ao certo se o que os cristãos evangélicos designam como “tornar-se um Novo Ser em Jesus Cristo” não é uma experiência autenticamente transformadora, miraculosa. Mas os que declaram ter renascido dessa forma não parecem portar-se de maneira diversa do que se portavam no passado, pelo menos não tanto quanto esperávamos. Esperamos há um

---

\* **Nota do Coordenador do CEA** – Este texto, escrito por Rorty, pareceu-me uma lembrança adequada a todos/as os/as irmãos/ãs por ocasião de mais um 1º de maio, dia do Trabalhador. Observo, porém, que Rorty não possui formação teológica, e algumas de suas observações a respeito do Novo Testamento são equivocadas ou desprovidas de fundamentos. Faltam-lhe bases exegéticas mais sólidas para compreender melhor a linguagem do texto bíblico. Em todo caso, penso tratar-se de um bom texto para nossa reflexão, sobretudo nessa época de globalização e aparente “morte das utopias”.

\* O autor é conhecido filósofo internacional e professor na Universidade de Stanford. (Trad. Paulo Ghirardelli)

bom tempo que os prósperos cristãos se portem com mais dignidade do que os prósperos pagãos.

De modo análogo, não podemos dizer ao certo se algum dia vislumbraremos novos ideais que tomarão o lugar daqueles que Marx e Engels chamaram com desdém de "*individualidade, independência e liberdade burguesas*". Mas aguardamos pacientemente que os regimes ditos marxistas expliquem exatamente como são esses ideais e como devem ser transformados em realidade. Até agora, todos esses regimes provaram ser retrocessos a uma barbárie pré-iluminista, e não estágios iniciais de uma utopia pós-iluminista.

Há também, é claro, aqueles que lêem as Escrituras cristãs para descobrir o que o futuro, dentro de alguns anos ou décadas, lhes reserva. Foi o caso de Ronald Reagan, por exemplo. Até recentemente, inúmeros intelectuais liam o "Manifesto Comunista" com o mesmo propósito. Assim como os cristãos aconselharam paciência e nos asseguraram que é injusto julgar Cristo pelos erros de seus fiéis sequazes, os marxistas nos asseguraram que todos os regimes "marxistas" foram, até hoje, perversões absurdas dos propósitos de Marx. Os poucos marxistas sobreviventes admitem, agora, que os partidos comunistas de Lênin, Mao e Castro não guardavam nenhuma semelhança com o poderoso proletariado dos sonhos de Marx, mas foram simples instrumentos de autocratas e oligarcas. Mas, nos dizem, algum dia haverá um genuíno partido revolucionário, um genuíno partido do proletariado, um partido cujo triunfo nos trará uma liberdade tão diversa da "*liberdade burguesa*" quanto a doutrina cristã de que o amor é a única lei difere dos ensinamentos arbitrários do Levítico.

A maioria de nós não leva mais a sério nem os adiamentos ou ratificações marxistas ou cristãs. Mas isso não nos impede, nem deve nos impedir, de buscar inspiração e encorajamento no Novo Testamento e no "Manifesto". Pois ambos os documentos são expressões da mesma esperança: que um dia seremos capazes de tratar as necessidades de todos os seres humanos com o respeito e a consideração com que tratamos as necessidades daqueles que nos são mais próximos e que amamos.

Ambos os textos acumularam um grande poder inspirador ao longo dos anos. Os dois são documentos fundadores de movimentos que fizeram muito pela liberdade e igualdade humanas. Até hoje, ambos inspiraram inúmeros homens e mulheres valentes e abnegados, que arriscaram suas vidas e fortunas para impedir que as gerações futuras sofressem inutilmente. É possível que haja tantos mártires socialistas quanto mártires cristãos. Se a esperança humana puder sobreviver a ogivas carregadas de carbúnculo, a inventos nucleares do tamanho de valises, à superpopulação, ao mercado de trabalho globalizado e aos desastres ambientais, e se tivermos descendentes que, daqui a um século, ainda

sejam capazes de consultar os registros históricos ou buscar inspiração no passado, talvez eles se recordem de Santa Inês e Rosa Luxemburgo, de São Francisco e Eugene Debs, de Padre Damien e Jean Jaurés como membros de um só movimento.

Do mesmo modo que o Novo Testamento é lido por milhões de pessoas que não perdem muito tempo pensando se Cristo retornará algum dia, assim também o "Manifesto Comunista" ainda é lido por quem espera e acredita que a justiça social possa ser atingida sem uma revolução do tipo previsto por Marx: que uma sociedade sem classes, um mundo "*em que o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos*", pode surgir como consequência daquilo que Marx desdenhava como "reformismo burguês". Pais e professores deviam encorajar os jovens a ler esses dois livros. O jovem será moralmente melhor por tê-los lido.

Devemos educar nossos filhos para que considerem insuportável o fato de nós, leitores do "*Frankfurter Allgemeine Zeitung*", sentados atrás de mesas e computadores, ganharmos dez vezes mais do que aqueles que sujam as mãos limpando lavabos e cem vezes mais do que aqueles que fabricam nossos computadores no Terceiro Mundo. Devemos nos certificar de que eles tenham consciência de que os países pioneiros na industrialização possuem uma riqueza cem vezes maior do que aqueles que ainda não se industrializaram. Os nossos filhos têm de aprender, desde cedo, a enxergar as desigualdades de nossas fortunas não como a "vontade de Deus", nem como o "preço necessário da eficiência econômica", mas como uma tragédia evitável. Eles devem começar a pensar, o mais cedo possível, sobre como modificar o mundo, de modo a fazer com que ninguém passe fome enquanto outros se empanturram.

As crianças precisam ler a mensagem de fraternidade humana de Cristo em conjunto com o relato de Marx e Engels sobre como o capitalismo industrial e o mercado livre – indispensáveis como são hoje – tornaram muito difícil instituir essa fraternidade. Eles precisam ver as suas vidas como esforços no sentido de realizar a nossa potencialidade moral, inerente a nossa capacidade de comunicar as nossas necessidades e esperanças. Eles devem ouvir histórias sobre as congregações cristãs que se reuniam nas catacumbas e sobre os comícios de operários nas praças de metrópoles. De fato, ambos cumpriram papéis igualmente importantes no longo processo de realização dessas potencialidades.

O conteúdo inspirador do Novo Testamento e do "Manifesto Comunista" não é diminuído pelo fato de milhões de pessoas terem sido escravizadas, torturadas ou terem morrido de fome a mando de pessoas sinceras ou moralmente sérias, que recitavam trechos de um ou de outro texto, a fim de justificar seus atos. A lembrança dos porões da Inquisição e das salas de interrogatório da KGB, da cobiça e arrogância impiedosas do clero cristão e da nomenclatura comunista deve, de fato, advertir-nos

contra o perigo de depositar o poder nas mãos de algumas pessoas que alegam saber o que Deus, ou a História, querem. Muitas vezes, a esperança assume a forma de uma previsão errada, como ocorreu em ambos os documentos. Porém, a esperança pela justiça social é a única base para uma vida humana digna desse nome. Cristianismo e marxismo ainda podem causar muito mal, pois tanto o Novo Testamento quanto o "Manifesto Comunista" ainda podem, efetivamente, ser evocados por hipócritas morais ou gângsteres egocêntricos. No meu próprio país, por exemplo, uma organização chamada Coalizão Cristã mantém sob rédea curta o Partido Republicado (e, portanto, o Congresso). Os líderes de tal movimento convenceram milhões de eleitores que taxar os bairros ricos para auxiliar os guetos é algo pouco cristão. Em nome dos "valores da família cristã", a coalizão ensina que o amparo do governo norte-americano a crianças de mães adolescentes, desempregadas e solteiras acabaria por "minar a responsabilidade individual". As atividades da coalizão são menos violentas do que as do movimento peruano Sendero Luminoso, hoje já moribundo. Mas os resultados de sua obra são igualmente funestos. O Sendero Luminoso, em seu auge assassino, era encabeçado por um perturbado professor de filosofia, que acreditava ser o sucessor de Lênin e Mao: um intérprete contemporâneo inspirado nos escritos de Marx. A Coalizão Cristã é encabeçada por um tele-evangelista carola, o reverendo Pat Robertson – um intérprete contemporâneo dos Evangelhos que, provavelmente causa muito mais sofrimento nos Estados Unidos do que Abel Guzmán conseguiu causar no Peru.

Em suma: é melhor, ao ler o "Manifesto" ou o Novo Testamento, ignorar os profetas que se dizem intérpretes autorizados de um ou outro texto. Ao ler os próprios textos, devemos relevar as previsões e nos concentrar nas expressões de esperança. Devemos ler a ambos como documentos inspiradores, apelos ao que Lincoln chamava "os melhores anjos de nossa natureza", e não como relatos precisos da história do destino humano.

Se tratarmos o termo "cristianismo" como o nome deste apelo, e não como uma pretensão ao conhecimento, essa palavra ainda designará uma força poderosa, a serviço da dignidade e da igualdade humanas. "Socialismo", de forma semelhante, será o nome da mesma força – um nome atualizado, mais preciso. "Socialismo cristão" será um pleonasma: hoje, não se pode esperar pela fraternidade que pregam os Evangelhos sem esperar que os governos democráticos redistribuam a renda e as oportunidades, em oposição ao mercado. Não se pode levar a sério o Novo Testamento como um imperativo moral e não como uma profecia, sem levar igualmente a sério a necessidade de um tal redistribuição.

Datado como é o "Manifesto", ainda assim ele é uma declaração admirável da grande lição que aprendemos ao ver o capitalismo industrial em ação: que a derrubada de governos autoritários e o advento da democracia constitucional não bastam para assegurar a igualdade ou a

dignidade humanas. Hoje, assim como em 1848, é inegável que os ricos tentarão ficar mais ricos ao fazer os pobres mais pobres, que a total mercantilização do trabalho levará à miséria dos assalariados, que *“o Executivo do Estado moderno é apenas um comitê que administra os negócios comuns de toda a classe burguesa”*.

A distinção “proletariado-burguesia” hoje talvez soe tão antiquada como a distinção “cristã-pagã”, mas se substituirmos o termo “burguesia” pelo termo “os 20% mais ricos” e o termo “proletariado” por “os outros 80%”, a maioria das frases do “Manifesto” permanecerá verdadeira (é claro, porém, que elas soam um pouco menos verdadeiras em “Welfare States” totalmente desenvolvidos, como a Alemanha, e um pouco mais verdadeiras em países como o meu, no qual a cobiça predomina e as conquistas do “Welfare States” são rudimentares).

Dizer que a história é a história da luta de classes ainda é verdadeiro, se seu significado for que, em toda cultura, sob qualquer forma de governo e em todas as situações imagináveis (na Inglaterra, quando Henrique VIII dissolveu os mosteiros, na Indonésia, depois que os holandeses partiram, na China, após a morte de Mao, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos de Thatcher e Reagan., e agora Bush), as pessoas que já tenham posto as mãos no poder e no dinheiro farão de tudo para que seus descendentes os monopolizem para sempre.

Se a história apresenta um espetáculo moral, este é a luta para romper tais monopólios. O uso da doutrina cristã para pleitear a abolição da escravatura (e para repudiar o equivalente americano das leis de Nuremberg – as leis de segregação racial) revela o melhor do cristianismo. O uso da doutrina marxista para despertar a consciência dos operários, para esclarecer-lhes como eles são explorados, revela o melhor do marxismo. Quando elas se fundem, como no movimento do “Evangelho Social”, nas teologias de Paul Tillich e Walter Rauschenbusch e nas encíclicas papais mais socialistas, a luta pela justiça social pode transcender as controvérsias entre teístas e ateístas. Tais controvérsias devem ser superadas: importa muito mais (é o que ensina o Novo Testamento) a forma de tratarmos os outros no dia-a-dia do que o resultado de disputas sobre a existência ou a natureza de outro mundo. O movimento sindical, que Marx e Engels pensavam apenas como uma transição para os partidos políticos revolucionários, revelou-se a encarnação mais inspirada das virtudes cristãs da abnegação e do ágape fraternal já registrada na história. A ascensão dos sindicatos, sob o aspecto ético, é o desenvolvimento mais promissor dos tempos modernos. Ele testemunhou o mais puro e altruísta heroísmo. Embora muitos sindicatos tenham se tornado corruptos e outros, petrificados, a estatura moral dos sindicatos faz sombra à Igreja e às empresas, aos governos e às universidades. Pois os sindicatos foram fundados por homens e mulheres que tinham muito a perder – arriscava-se perder o trabalho e não levar comida para os familiares. Eles assumiram esse risco em

proveito de um futuro humano melhor, e todos lhes somos gratos. As organizações por eles fundadas estão santificadas pelos seus sacrifícios. O "Manifesto" inspirou os fundadores da maioria dos sindicatos dos tempos modernos. Ao citarem as suas palavras, os fundadores dos sindicatos são capazes de incitar milhões de operários contra as condições degradantes e os salários de fome. Tais palavras reforçaram a crença de que o sacrifício dos grevistas – sua disposição de ver suas crianças passarem fome, mas não de ceder às exigências de maior retorno para o investimento do proprietário – não seria em vão. Um texto que foi capaz disso sempre fará parte dos tesouros de nosso legado intelectual e espiritual.

De fato, o "Manifesto" exprimiu algo de que os trabalhadores aos poucos se davam conta: "Em vez de se erguer contra o progresso da indústria", o trabalhador corria o risco de "afundar, cada vez mais, abaixo das condições de existência de sua própria classe". Na Europa e nos Estados Unidos, tal risco foi evitado, ao menos por certo tempo, graças à coragem de trabalhadores que leram o "Manifesto" e, como resultado, sentiram-se no dever de exigir sua parcela de poder político. Se esperassem pela bondade e caridade de seus superiores, suas crianças ainda seriam analfabetas e mal-nutridas.

As palavras do Evangelho e do "Manifesto" talvez tenham proporcionado igual quantidade de coragem e inspiração. Mas, em muitos aspectos, o "Manifesto" é um livro mais apropriado ao jovem do que o Novo Testamento. Este último, de fato, padece do defeito moral do escapismo: a sua sugestão de que podemos separar o problema de nossa relação individual com Deus – a nossa chance individual de salvação – de nossa participação nos esforços cooperativos para dar cabo de sofrimentos inúteis. Muitas passagens dos Evangelhos sugeriram que os proprietários de escravos tinham legitimidade em fustigar seus escravos e que os ricos podiam deixar os pobres morrerem de fome. Afinal de contas, todos eles iriam para o céu e seus pecados seriam perdoados por terem aceito Cristo como Senhor.

Como texto do mundo antigo, o Novo Testamento aceita uma das convicções centrais dos filósofos gregos, para quem a contemplação das verdades universais era a vida ideal para um ser humano. Segundo essa convicção, as condições sociais da vida humana nunca mudarão, ao menos em nenhum aspecto importante: sempre teremos pobres ao nosso lado – e talvez também escravos. Tal convicção leva os autores do Novo Testamento a desviarem a atenção da possibilidade de um futuro melhor e a se concentrarem na esperança de um lugar no céu. A única utopia que tais autores imaginam situa-se num outro mundo, totalmente diverso. Nós, modernos, somos superiores aos antigos – tanto pagãos quanto cristãos – em nossa capacidade de imaginar uma utopia aqui na Terra. Os séculos 18 e 19 testemunharam, na Europa e América do Norte, uma alteração radical na esperança humana – uma alteração da eternidade para o tempo futuro, da especulação sobre como ganhar as benesses

divinas para o planejamento da felicidade das gerações futuras. Essa noção de que o futuro humano pode ser modificado pelo passado, desvinculado de poderes não-humanos, é magnificamente expressa no “Manifesto”.

Seria melhor, é claro, se tivéssemos um novo documento para dar inspiração e esperança às crianças que fosse isento dos defeitos do Novo Testamento e do “Manifesto”. Seria bom se houvesse um texto reformista, que prescindisse do caráter apocalíptico dos dois livros – que não dissesse que todas as coisas precisam ser refeitas ou que a justiça “só pode ser alcançada por meio da destruição violenta de toda a ordem social existente”. Seria bom se houvesse um documento que exprimisse os detalhes dessa utopia terrena, sem nos assegurar que essa utopia emergirá com plena maturidade, e rapidamente, tão logo algumas mudanças decisivas sejam tomadas – tão logo a propriedade privada seja abolida ou tão logo aceitemos Jesus em nosso coração.

Seria melhor, em suma, poder conviver sem profecias ou pretensões ao conhecimento das determinadas forças da história – se é que esta esperança pode se sustentar sem tal apoio. Talvez algum dia tenhamos um novo texto para dar a nossas crianças – um que se abstenha de previsões, mas expresse o mesmo anseio por fraternidade que o Novo Testamento e que esteja cheio de acuradas descrições das formas mais recentes de desumanidade, como o “Manifesto”. Nesse ínterim, só temos a agradecer a esses dois textos, que nos ajudaram a ser pessoas melhores e a superar, em certa medida, nosso egoísmo grosseiro e nosso sadismo cultivado.